

# LINGUAGEM ESCRITA E SUAS FUNÇÕES SOCIAIS E GRAFISMO INDÍGENAS E OUTRAS LINGUAGENS

Universidade Federal de Goiás

Faculdade de Letras.

SOUZA, Douglas Anunciação.

*Orientação:* Aline da Cruz e Gláucia Vieira Cândido.

## 1. Introdução

Linguagem Escritas e Suas Funções Sociais foi um tema contextual trabalhado pelas professoras Aline da Cruz e Gláucia Vieira Cândido no primeiro semestre de 2019, com estudantes indígenas do Curso de Educação Intercultural da Universidade Federal de Goiás. Participaram do curso estudantes das etnias Akwe, Apinayé, Bororo, Karajá, Guajajara, Kayapó, Kalapalo, Krahô, Takapê e Xavante. O objetivo do curso foi promover um debate sobre a cultura escrita nas comunidades indígenas e na maneira como transmitem os saberes e conhecimentos de suas culturas de geração em geração através da oralidade, e de que forma o letramento promovido interfere nesses grupos. O propósito deste relatório é compartilhar as experiências de trabalhar os temas em contexto intercultural, descrevendo as atividades por nós realizadas durante os cursos e as reflexões deles resultantes.

### 1.0 Desenvolvimento

No curso linguagem escritas e suas funções sociais foi realizado o debate sobre a transmissão dos conhecimentos dos povos indígenas, que na maior parte é tradicionalmente acontece pela oralidade, quando os anciões passam os saberes da tribo para os mais jovens e em como a escrita interfere nesse processo, retomando os acontecimentos históricos que sucederam em cada etnia para a sua implementação e reconhecendo os elementos gráficos como expressão escrita buscando seus significados.

Como ponto de partida, a professora Aline promoveu uma discussão acerca do tema “função social”, o que significa, quais os conceitos que eles tinham em relação à expressão e de que maneira a escrita exerce essa função social em cada comunidade. Quando questionados qual a importância da escrita para eles, as respostas foram muito parecidas. A maioria respondeu dando uma visão política, servindo de ponte entre os povos indígenas e os não indígenas, na elaboração de documentos, leis e defesas de seus direitos, uma forma de se posicionarem diante àqueles que não fazem parte das comunidades indígenas.

O propósito do curso era fazer com que eles compreendessem qual a importância da escrita como registro, manutenção e conservação dos seus saberes em paralelo com a oralidade, claro que levando em consideração suas respostas, mas propondo a reflexão direcionando aos povos e as funções que a escrita exerce em contextos do cotidiano. Desta forma, as professoras apresentaram aos alunos o conceito de escrita, como surgiu e qual a importância para a manutenção de diferentes culturas.

O material didático utilizado foi a apresentação de um vídeo que trouxe justamente o contexto histórico e definição de escrita. Os textos bases trabalhados foram: Capítulo VII A Imposição da Escrita do livro *Tradição oral e Tradição Escrita*, por Louis Jean Calvet. Calvet comenta que a escrita surge da necessidade do homem com as contas e o registro e que também exerce função de poder; um trecho do texto *Fredo* de Platão, em que fala do efeito que causou fazendo com que o homem deixasse a cultura oral, limitando a capacidade de memorizar informações, pois com tudo guardado já não se fazia necessidade gravar os cantos e mitos que eram cantados na época; e o texto *Os Tiryó e Kaxuyana em Busca de suas 'fontes'*, que mostra como esses povos trabalharam os registros de seus grafismos e a importância de se guardar essas informações para a permanência das práticas culturais.

Durante o vídeo surgiu o debate sobre o alfabeto chinês, sendo algo diferente do alfabeto latino. Por ser uma escrita baseada em traços que representam o som e que um dia representou o objeto em si, os alunos puderam fazer referência aos grafismos que eles próprio produzem nas suas culturas e reconhece-los como escrita própria de seus povos.

Foi possível recolher alguns depoimentos durante as discussões sobre o grafismo, também surgiu uma reflexão sobre a apropriação cultural cometida pelo não indígena, que usa dos grafismos indígenas de maneira inadequada e desrespeitosa:

*Kalapalo: "Reconhecimento pela pintura e quem está sendo homenageado. Não apresenta e não se pinta sem os adornos necessários. Não pode se pintar de qualquer jeito."*

*"Uso de maquiagem em carnaval pelo branco de forma equivocada e que fere a cultura sem saber o significado de verdade."*

*"Educar o não indígena."*

Em 2014 a empresa Havaianas lançou uma coleção especial de sandálias com o grafismo da etnia Yawalapiti, um dos povos do Alto Xingu. Esse evento levou a muitos debates

nas redes sociais sobre o uso das artes indígenas e seus direitos autorais. Outras empresas também fizeram uso da arte indígena.



Foto: El País.

O direito autoral indígena é um direito coletivo da própria etnia, sendo necessário para utilização autorização em contrato cessão de uso e reprodução assinado pelo chefe da tribo. (JusBrasil).

Após contextualizado o que é escrita e reconhecendo o grafismo como tal, eles definiram e entenderam grafismo e função social da seguinte forma: cada grafismo sendo um sistema complexo de comunicação e seu significado, o cultural de cada etnia. Função social como as organizações sociais que eles se propõem e de que maneira cada grafismo exerce o seu sentido, como por exemplo, fases da vida, cerimônias, rituais, festividades, funerais, evento de nomeação, fases e elementos da natureza, dentre outros.

## 2.0 Grafismo

Ao final, as professoras propuseram uma atividade em que consistia na recuperação dos grafismos mais importantes usados por eles e uma apresentação para toda turma apontando o estilo, significado, contexto, como funcionava a produção e a função social que exercia. Como base eles tiveram as seguintes perguntas:

Quais são as pinturas corporais do seu povo?

O que cada uma significa?

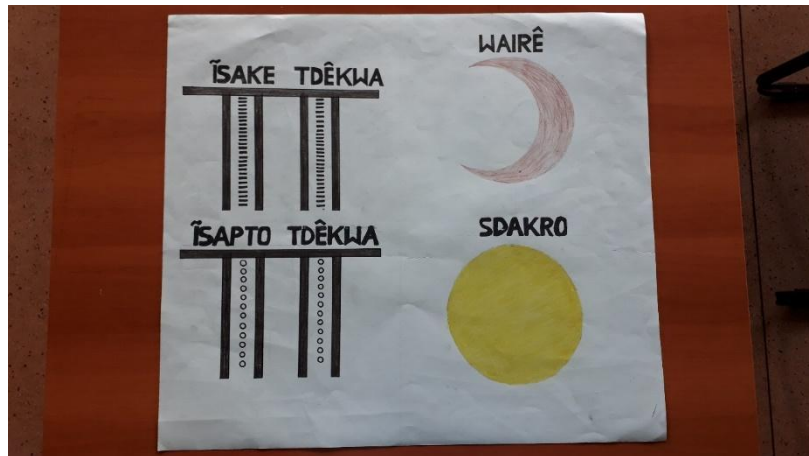
Quando devem ser feitas?

Quem pode pintar?

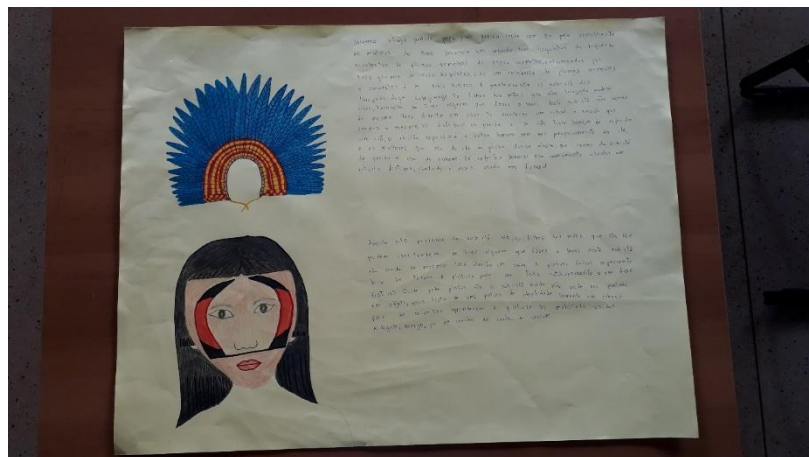
As pinturas corporais também figuram ou podem figurar em objetos?

Quais materiais utilizados para fazer as tintas?

Segue o registro realizado por eles:



Xerente: “As pinturas e grafismos do nosso povo é a pintura corporal que se divide em seis clãs diferentes. O mais usada é a pintura ÍSAPTO TDEKWA (o círculo) e KROZAKE TDÊKWA (as listras). São traços horizontais e verticais, os círculos em forma de bolinhas. O significado da pintura é a organização e respeito entre cada um desses clãs. Nas festas tradicionais, casamentos, nos conflitos, discursos entre anciões, nas defesas do extraescolar são usadas essas pinturas, as pinturas são feitas pelos mais experientes de um povo. São pintados os homens, as mulheres, adolescentes e em geral, as pinturas também são usadas nos objetos, parede, camisetas e outros. Os materiais usados são o jenipapo queimado de borracha, líquido de pau de leite, o talo de buriti.”  
Acadêmicos: Nelson Xerente, Anderson, Wakedi, Jailson, Pedro Smisuíte, Luiz Fernando e Edimar.



Bororo: “Jakomea otugo padure paru jiwu pariko: cocar com os pés semelhantes as pinturas de Aroe Jakomea. Em seguida tem lasquinhas de taquara, recobertas de plumas vermelhas de arara vermelha, entremeadas por três grupos de três lasquinhas, cada um recoberta de plumas vermelhas e amarela de Aroia Kurireu. É pertencente ao sub clã dos Iwagadu-doge cebegiwuge. Os filhos das mães que são Iwagadu podem usar também, se tiver que fazer o Mori deste sub clã não sendo do mesmo terá direito em usar. Se acontecer um ritual o ancião que conduz o mesmo, vai distribuir os Pariko e se não tiver homem do referido sub clã, o ancião repassará a outro homem sem ser propriamente do clã, e as mulheres que são do clã Pariko dançam atrás, por causa do sub clã do Pariko e não do homem. Os enfeites Bororos são comumente usados em rituais festivos, contudo é mais usado em funeral. Apodo Oto pertence ao sub clã Kie, os filhos das mães que são Kie podem usar também se tiver alguém para fazer o Mori deste sub clã não sendo do mesmo terá direito em usar. A pintura facial representa bico de tucano. A pintura pode ser feita rotidianamente e em dias festivos. Quem pode pintar são os sub clãs Kiedo. Não pode ser pintada em objetos, pois trata de uma pintura de identidade, somente em cabaças para as crianças aprenderem a pintar. Os materiais usados: Kidoguro, Konogo, pó de carvão do caule de urucum.”

O grupo da etnia Bororo nos apresentou dois grafismos e explicou um pouco mais de sua cultura. São divididos em dois clãs, cada um dividido em quatro sub clãs com dez pinturas

faciais cada chegando a oitenta ao total, cada pintura tem seu significado, porém cada clã e sub clã aprenderá suas pinturas respectivas, por isso nem todas as pessoas sabem todos os significados.

*“Eu sei que tem um significado, mas não sei de todos.”*

Cada sub clã tem um padrinho que está relacionado a uma ave, animal, peixe ou planta e mais ainda, padrinhos espirituais, os Pajés são as pessoas que tem contato com eles e repassavam as pinturas para cada clã.

*“Temos muitas pinturas corporais, temos uma pintura da cobra, mas nós não víamos, só os espíritos que viam, aí eles passaram pros Bororos.”*

Tem vários tipos de cocares, cada clã tem em média dez, cada um com seu significado. O que está sendo representado na foto acima chama Jakomea:

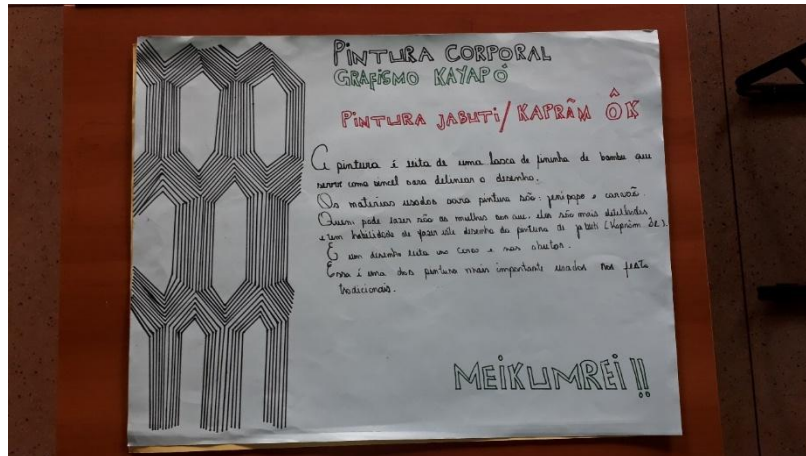
*“Veio de um espírito, foi um espírito que o guerreiro bororo ficou com raiva e flechou ele.”*

A mulheres são responsáveis por pintar, elas que fazem os enfeites e podem usar as pinturas do pai. A maioria dos rituais se passam no funeral, tradicionalmente o luto dura quatro meses, porém por ser muito triste e doloroso para os parentes do falecido, acabou por sofrer algumas alterações no decorrer dos anos, um deles é cantar todas as noites, se não o espírito fica vagando, outro ritual que fazem no luto e a queima de todos os pertences pessoa.

*“Acho que não fará mais funerais na nossa aldeia porque já mudou muita coisa na estrutura da aldeia. Por isso quando alguém que fazer o ritual do funeral, vai para a outra aldeia.”*

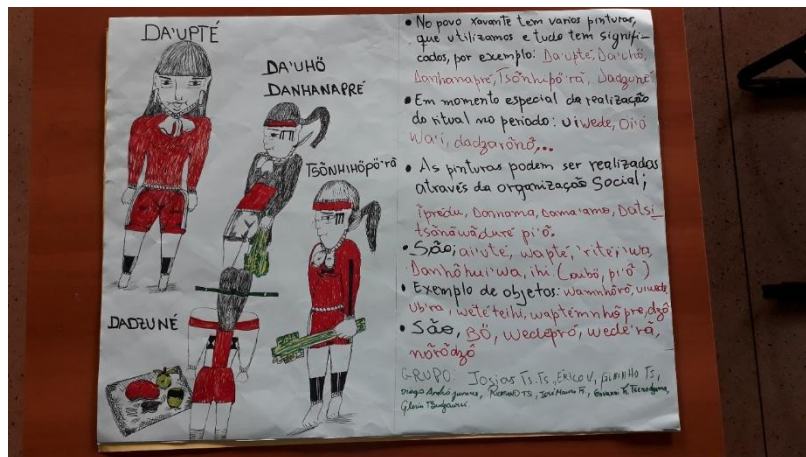
O modo de preparo das tenras para as pinturas vem do jenipapo.

*“Eu tenho vontade de pintar, mas tenho que perguntar se posso porque na nossa cultura é segredo e eu tenho medo de mexer. É feito de uma rezina batida e tem um cheiro muito forte, é pastoso e preguento. Para ficar preto se queima o talo de urucum e mistura a polpa de urucum com leite da mangaba e bota na água quente, as mulher quase queimam a mão para poder sair a palpa. O cocar é feito com rabo de arara, 120 rabos, tem com papagaio, gavião e vários outros animais, e é enrolado na palha vermelha. Só que as aves estão entrando em extinção.”*

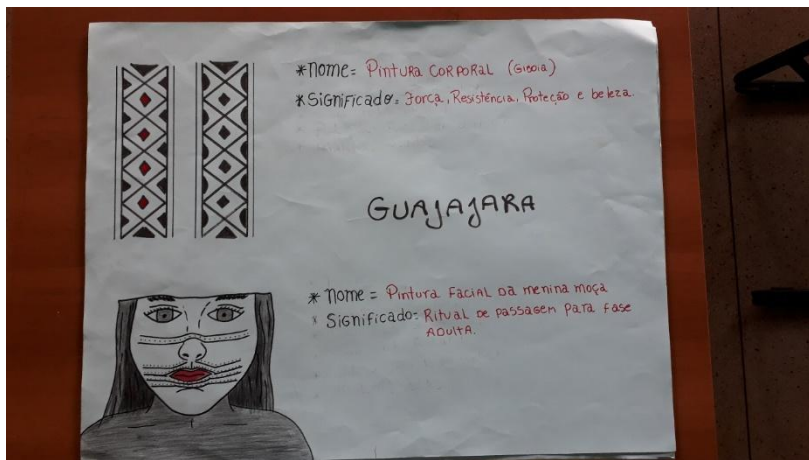
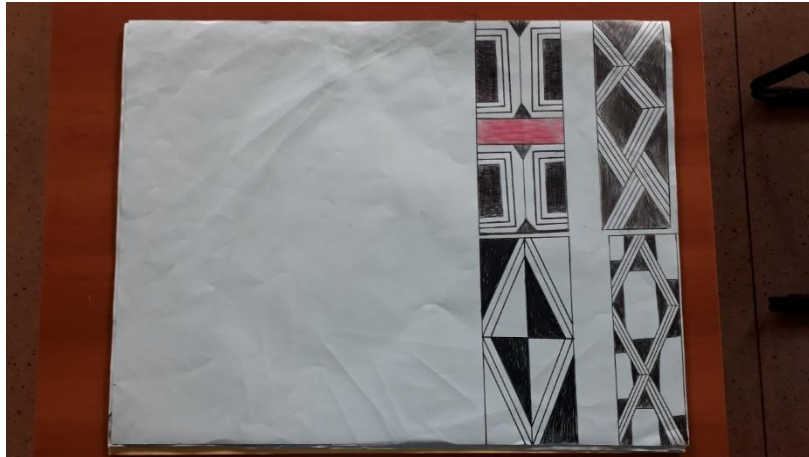


*Kayapó: PINTURA JABUTI/KAPRÂM ÔK*

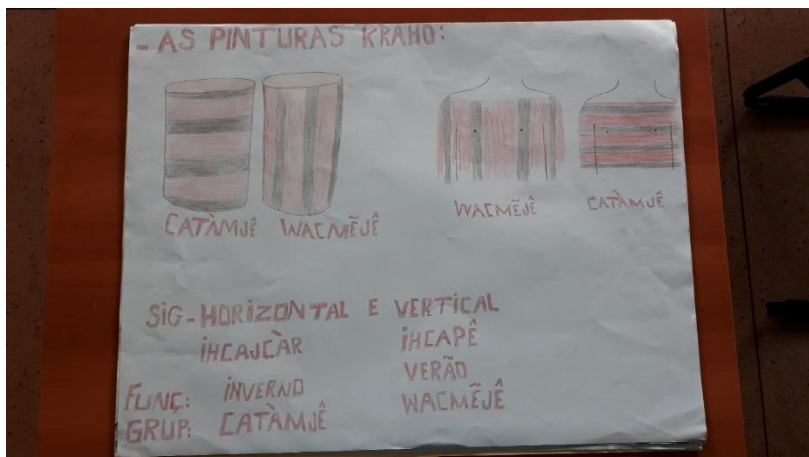
*“A pintura é feita de uma lasca fininha de bambu que serve como pincel para delinear o desenho. Os materiais usados para a pintura são: jenipapo e carvão. Quem pode fazer são as mulheres, porque elas são mais detalhadas e tem habilidade de fazer este desenho da pintura de jabuti (Kapráâm ôk), leva cerca de uma hora para ser feita. É um desenho feito no corpo e nas abuturas e todos podem usar. Essa é a pintura mais importante usadas nas festas tradicionais. MEIKUMREI!!”*



*Xavante: “No povo xavante tem várias pinturas que utilizamos e tudo tem significados, por exemplo: Da’upté, Da’uhö Danhanapré, Tsõnhihõpõ.rã e Dadzuné. Em momentos especiais da realização do ritual no período: Uiwede, oi’o Wa’i, Dadzarõndõ... As pinturas podem ser realizadas através da organização social: ~Iprédu, Damama, Dama’amo, Datsitsânãwãduré pi’õ. São: Ai’uté, wapté, ‘ritéi’wa, Danhõhui’wa, ihí (aibõ, pi’õ). Exemplo de objetos: Wamnhõrõ, Uiwede, Ub’ra, Wététeihí, Waptémnhõpre, Dzõ. São: Bõ, Wedleprõ, Wede’rã, Nõrõdzõ.”*  
*Grupo: Josias Ts. Ts., Érico V., Gininho Ts., Diogo Anhõjuruna, Romano Ts., José Mauro Ts., Giovanni Ts., Tsenedzama, GloriuTszudzauré.*



Guajajara: "Nome: Pintura Corporal (Jiboia). Significado: Força, resistência, proteção e beleza. Nome: Pintura facial da menina moça. Significado: Ritual de passagem para a fase adulta."



Krahô: As pinturas Kraho: Carâmjê, Wacm~ejê.  
 "Significado: Horizontal (Ihcajçâr) e vertical (Ihcapê). Função: Inverno/Verão. Grupos: Catâmjê/Wacm~ejê."

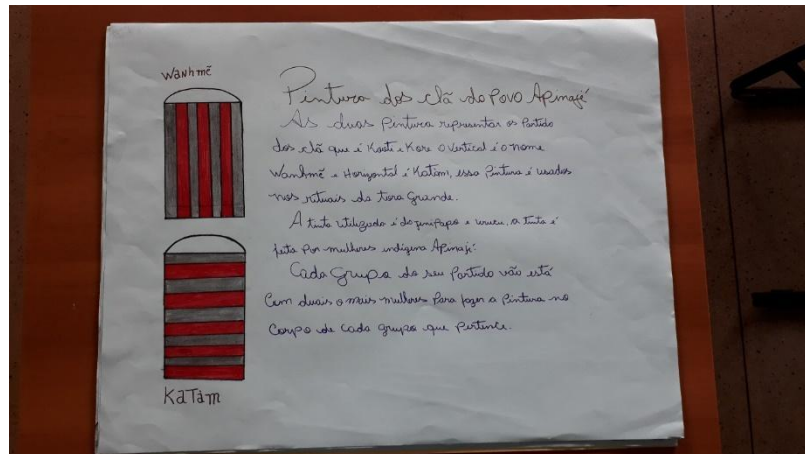
Para os Krahôs, as pinturas representam diferentes fases e eventos, as verticais e horizontais separam por clãs, são dois ao total, uma representa a seca e a outra chuvosa. Cada partido pinta somente aquela à qual pertence, não pode pintar a outra, porém a mulher quando se

casa, se é pertencente ao clã diferente, passa a ser parte do clã do marido. As mulheres que pintam e cada clã comanda o grupo de acordo com cada período.

DIA x NOITE

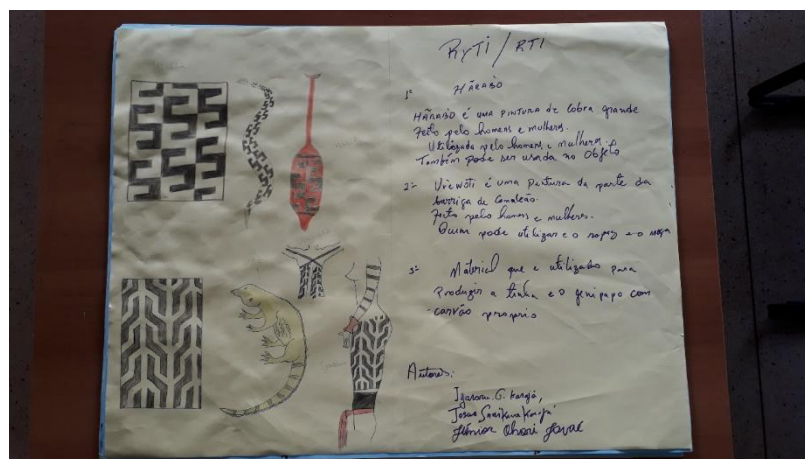
SECO x CHUVOSO

VERÃO x IVERNO



*Apinayé: Wanhm-e / Katàm*

“Pintura dos clã dos povos Apinayé. As duas pinturas representam os partidos dos clãs que são Kooti e Kore. O vertical é o nome Wanhm-e (sol) e horizontal é Katàm (lua), essas pinturas são usadas nos rituais da tora grande, é realizada na festa de final de luto, são quinze dias de festas, é realizada muitas cerimoniais nesses dias. A tinta utilizada é do jenipapo e urucum, a tinta é feita por mulheres indígenas Apinayé. Cada grupo de seu partido estarão com duas ou mais mulheres para fazer a pintura no corpo de cada grupo que pertence. Uma pessoa de cada clã pinta a tora que se refere ao seu clã. Podem se casar somente pessoas do mesmo clã.”



*Javaé: Ryti / Rti*

“1º Hãrabò: Hãrabò é uma pintura de cobra grande feita pelos homens e mulheres. Utilizada pelos homens e mulheres. Também pode ser usada no objeto. 2º Urêwoti é uma pintura da parte da barriga do camaleão. Feito pelos homens e mulheres. Quem podem utilizar é o rapaz e a moça. 3º Material que é utilizado para produzir a tinta é o jenipapo com carvão próprio.” Autores: Ijararu G. Karajá, Josue Sarikuo Karajá e Júnior Ohori Javaé.

**3.0 Escrita**



O curso pode ser dividido entre os debates realizados nos primeiros dias sobre função social, escrita e grafismo e nos dias seguintes, com duas atividades principais: a primeira foi a recuperação dos principais grafismos de cada etnia, suas características e apresentação; a segunda proposta de atividade foi um trabalho em que eles tiveram que buscar informações sobre a escrita da sua língua e como foi implementada em sua cultura. A turma foi dividida em grupos, cada grupo composto por alunos da mesma etnia.

As perguntas bases usadas foram: Como surgiu a escrita da sua língua materna? A representação escrita antiga da língua continua igual na atualidade? Há na comunidade discussão sobre a ortografia?

**Akwe:** *“Os mais velhos vivem falando que a escrita é através da pintura, que nem todas as pessoas sabem pintar. A história da escrita do povo Akwe iniciou-se durante as décadas de 60 a 70, quando os missionários da igreja Batista chegaram.”*

*“Às vezes as pessoas dizem que as missões tiveram um ponto positivo nesse lado, com a escrita, pois eles ajudaram muito a tê-la. Porque a ideia dos missionários era que essa escrita ficasse, mas também expandir nas escolas. Eles traduziram a bíblia para a língua Akwe. A escrita é um só, não é diferente, não muda, a gente continua nessa base.”*

Eles comentam que, por mais que não tenha sofrido muitas mudanças, a língua tem a sua variação entre povos Akwe e entre as gerações e influenciam na escrita. O alfabeto foi feito na convenção dos anciões de pesquisa e diálogo e chegaram na escrita que é utilizada atualmente.

*“Na verdade a gente tinha escrita, só não percebia o que era, eles ajudaram a construir. Agora atualmente em linguagem nós estamos mais próximos do estudo da língua e a gente percebe que a nossa língua tem sons e palavras que não estão no alfabeto, porque sofrem muita influência do português, os jovens pronunciam de uma maneira diferentes dos mais velhos algumas expressões, e tem nomes que não existem na língua, como por exemplo, “avião.”*

No intercultural eles trabalham morfologia da língua e no tema contextual direcionado, eles elaboram novos vocabulários para a língua, propondo palavras novas que existem somente em português. Eles anunciam o lançamento da gramática Akwe, e sempre estão editando e ampliando o dicionário Akwe. Comentam sobre um padre missionário que segue vivendo na tribo desde os anos 70 e que ele fala muito bem a língua.

Professora Gláucia retoma um pouco o tema que eles comentaram anteriormente sobre já terem a escrita antes, mas que não sabiam identificar e pergunta à eles quais eram os métodos.

*“Muitas vezes interpretamos a escrita através da natureza, os sinais. Outro exemplo é na quantidade, a gente usava sementes para contar.”*

*“Minha irmã foi uma das professoras mais velhas e ela usava um toco para ver as horas, quando o sol batia em determinado ponto a sombra indicava as horas, só ela sabia, porque era mais velha. Também tem a lua, que o homem tem que ver para poder plantar para dar fartura.”*

Teve uma pergunta: “Quando vocês falam que os missionários fizeram esse contato com o povo de vocês, a religião dos mais antigos, a crença do não indígena, vocês acreditam? Tem algum cacique que segue a religião do não indígena?”

*“Esse missionário que a gente falou, não sei nos outros povos, mas ele sempre respeitou muito a cultura do povo Akwe, nunca interrompe na nossa cultura, ele sempre respeitou, ele sempre trabalhou para que o povo Akwe permanecesse a língua e sua cultura e que não a perdesse, mas tem missionários que entram para acabar com tudo.*

*“Então, a gente tem muita consideração por ele, ele nunca fez política”*

Acadêmicos: Nelson, Jailson, Luis Fernando, Edimar, Pedro, Anderson, Wakedi.

**Bororo:** A apresentação da etnia Bororo foi bastante específica, eles fizeram em modelo cronológico. De acordo com eles, os salesianos chegaram na aldeia e se responsabilizaram pela escolaridade do povo até o ano de 2012. Os estudos realizados por eles iniciaram no século XX e em 1908 foi impressa a primeira gramática da língua Bororo e o dicionário das línguas dos bororos, 1942 foi publicada A Gramática de Língua Bororo, à partir de 1962 foi publicado a enciclopédia de três volumes com estudos detalhados, em 1995 foi publicado o livro urbano com as palavras dos professores, anciões e do salesiano Padre Gonçalves. Além das publicações citadas, há uma série de livros voltados para a cultura Bororo, de contos típicos e sobre a maneira como lidam com as plantas e os animais. O Bororo sofreu bastante influência da língua italiana pelos salesianos que eram da Europa, como por exemplo, a pronúncia do <J> e não tem encontro consonantais. Seguem usando o mesmo alfabeto desde 1903.

*“Durante o regime militar era proibido falar e praticar a cultura Bororo.”*

Em 1966 teve a demarcação da terra, quando expulsaram os brancos da colônia. 1983/84 começam a ter professores Bororos. Já em 1902 foram implementadas escolas em português, os missionários que eram professores, não os indígenas, eles levavam as meninas

para os conventos e os meninos eram levados para seminários. Até o ano de 2012 os padres salesianos eram responsáveis por toda organização e administração escolar, porém com o magistério houve algumas mudanças, pois capacitou mais professores indígenas, agora são todos Bororos. O nível escolar era até a quarta série, para poder seguir estudando eles tinham que migrar para outras regiões ou abandonar os estudos.

*“Nosso alfabeto é considerado fácil, porque não tem F, L, S e X. Porque nosso ‘que’ é k. Uma região tem um modo de falar e a outra, tem outro modo. Os salesianos ajudaram com os materiais didáticos, eles faziam e distribuíam, já tem muita coisa feita na língua. Nossa escola foi bilíngue, porque tinha brancos e indígenas antes da demarcação, as escolas e os hospitais eram os melhores da região, então os fazendeiros e outras pessoas também iam, e por isso a língua modificou muito. A gente lê como está escrito por isso o som sai fechado e onde não tinha escrita o som sai mais aberto, palavras iguais as nossas, mas pronunciadas diferentes.”*

*“Nossos espíritos não falam inglês.”*

A última frase faz referência à interferência de estadunidenses na cultura Bororo.

**Segue o texto escrito pela etnia Guajajara:** “A língua materna Guajajara na T.I. Arariboia surgiu ainda quase no final da gestão do SPI, na década de 60, quando algumas lideranças e caciques tiveram um olhar sobre a necessidade de existir professores indígenas e/ou não indígena, que pudessem falar a língua materna, mas também ler e escrever, assim sendo, houve a necessidade da FUNAI contratar um instituição especializada que pudesse trazer os ensinamentos dos curso da linguagem através de uma instituição americana dos Estados Unidos. Esse projeto valeria para todo o Brasil. No Maranhão o primeiro professor e missionário que veio ensinar foi Samuel Davim depois dele vieram outros como o Dr. Carlos e sua esposa Carla.”

O alfabeto da língua Guajajara é composto por quatorze consoantes e sete vogais, um total de vinte e uma letras.

“Na atualidade a escrita não continua a mesma por haver empréstimos de palavras da língua portuguesa, por exemplo, bola, celular, geladeira, entre outras palavras. Isso tem sido uma das discussões dos mais velhos, na visão deles, hoje em dia não se usa mais aquelas palavras antigas da língua materna, que só eles conhecem, devido à proximidade dos não-indígenas nas aldeias e também com relação a muitos indígenas casar-se com não-indígenas. Com isso muitas palavras antigas vem sendo esquecidas ou não faladas pelos indígenas da minha comunidade.”

Acadêmicos: Loyde Gomes Soares Guajajara, Domingos Marcelino Pereira Guajajara e Maria Lídia dos Santos Guajajara.

De acordo com a apresentação Guajajara, a vogal nasal é pronunciada, mas não é representada na escrita, no momento em que eles vão fazer a conversão da oralidade para a escrita se perde a marca de nasalização dessas vogais.

Perguntas ao grupo: “Teve muita briga por causa da escrita entre os povos Guajajara?”

*“Sim, tem regiões que dizem que a língua deles é a mais correta. Há uma mudança? Sim, mas o alfabeto não mudou, segue sendo o mesmo. Porém a fala e a pronúncia sim, muitas palavras tem letras emprestadas, como por exemplo, nós não temos <S> e o <B>, aí substituí o <B> pelo <P>. Cada região defende como certo a fala do seu povo, consideramos sermos o correto porque nós falamos de acordo com a alfabeto que foi criado, sempre tem encontros para debater, mas nunca chegamos em uma conclusão, uma conversão.”*

Comentado pela professora Aline, as mudanças linguísticas representadas na escrita às vezes marca o passado de um língua. Essa fala surgiu quando o grupo relatou que a língua está sofrendo muitas mudanças por influência do português, como eles mesmo disseram, está mais aportuguesada e essas alterações interferem na escrita de algumas regiões Guajajara, por isso nem sempre eles entram em acordo sobre uma conversão para todos, pois algumas aldeias, como a dos alunos em aula, seguem usando o alfabeto tradicional para escrever e outras já apresentam essas modificações na hora de escrever. Um exemplo que trouxeram sobre o aportuguesamento da língua foi na perda da vogal central, que quando ensinada para o não indígena e representada na escrita, é substituída pelo [i].

**Segue o texto escrito pela etnia Karajá e Javaé:** “Segundo o linguista Aryon Dall’igna Rodrigues, a família Karajá pertencente ao tronco linguístico macro-jê se divide em três línguas. No início da década de 1970 a FUNAI adotou um programa educacional bilíngue para alguns grupos, entre eles os Karajás. Este programa sob a orientação da Sociedade Internacional de Linguística, entidade que tem também vertente religiosa, resultou na tradução da bíblia para a língua Karajá.

Os Javaé: O SPI fundou um posto no Rio Javaé em 1952 e que foi transferido em 1960 para a aldeia Canoanã, onde se concentravam as remanescentes das outras aldeias nos anos 70. Entretanto, quando a FUNAI tornou-se responsável por atuar nas organizações, implantaram estruturas de prédios da escola e alfabetizaram os Javaés na escrita da língua portuguesa. Com isso, idealizaram trabalhar a língua nativa do povo Javaé, contratando os monitores indígenas

para trabalhar a língua escrita. Então esses monitores indígenas tiveram capacitação da língua agrupando com Iny Karajá, porque a língua falada é a mesma, que é o dialeto Iny Rybe, portanto produziram cartilhas da língua materna. Com os monitores e os materiais da língua nativa, ocorreu o processo de entrada escrita da língua materna ao povo Javaé.

No início da década de 1970 a FUNAI adotou um programa educacional bilíngue. Karajá tem 27 fonemas, sendo quinze consoantes e doze vogais. Propuseram à partir de 1956 as consoantes: X = [ʃ], T = [θ], TX = [tʃ], [dʒ]; e vogais: a = [a], è = [ɛ], e = [ə].

Para os Javaés no ano de 2004 quando acontecia o curso de magistério indígena, teve algumas mudanças da escritas em relação aos sons. Professores Javaés e Karajás discutiram sobre a alteração da escritas, em que os acentos mudam de acordo com a fala, também quando a licenciatura intercultural teve início e os professores tiveram aprofundamento dos símbolos da escrita, à partir daí ocorreram as mudanças. Então a fala do Javaé e Karajá varia da expressão da fala, por exemplo, ‘Iòròsa’ e ‘ijòròra’.”

Acadêmicos: Júnior Javaé, Josué Karajá e Izararu Karajá.

**Kalapalo:** O olhar direcionado para a escrita da língua Kalapalo é bastante recente e iniciou em 1998, com o curso de formação de professores indígenas e implementação do magistérios para alunos das escolas indígenas, ensinando eles a ler e escrever na língua materna durante o curso.

Toda a comunidade e professores fizeram uma reunião para entrar em acordo sobre a educação e alfabetização indígena na língua materna, optando pela educação em Kalapalo nas escolas. Onze anos depois receberam a linguista **Bruna Franquero**, que se dedicou a fazer revisão e análise da ortografia. Durante cinco dias ela proporcionou uma oficina tendo a participação dos professores e da comunidade, alterando por dia a ortografia do Karib, criando termos técnico e específicos para a língua, assim chegou a escrita da língua. Em contraste com as outras etnias que receberam os missionário e salesianos, a escrita aqui surge na própria escola. Em relação ao material didático, os professores anteriores produziam os livros, e grande parte foi elaborado no projeto, atualmente eles possuem três cartilhas para a alfabetização.

*“Essa linguagem chegou muito recente para mim. Quando eu fui aprender a escrever, não tinha a linguagem escrita materna, depois eu aprendi e foi muito fácil.”*

**Kayapó:** “Quando os irmãos sertanistas Villas-Bôas chegaram na comunidade já se falava o português, mas não se escrevia, eles observaram e perceberam que a maioria não falava e começaram a ensina-los. Havia dois caciques que sabiam falar o português, um deles foi

criado pelos irmãos e foi na sua fase adulta que Orlando Villas-Bôas foi indicado à diretor do Parque Nacional do Xingu, como administrador foi transferido para Brasília na mesma época em que extinguiram SPI e criaram a FUNAI, assumindo a administração da FUNAI. Dessa forma, eles tiveram apoiadores linguistas brasileiros e estrangeiros que ajudaram a elaborar o projeto de formação de professores indígenas Kayapó para ensinar a nossa língua e começar a escrever. Em 1990 implantaram o magistério, meu pai participou e é professor na aldeia. Em conjunto, os anciões, professore, antropólogos e linguistas parceiros criaram e estudaram o primeiro livro da gramática da língua Kayapó, iniciado em 1998 e publicado em 2000, usado até hoje na alfabetização nas escolas indígenas.

Hoje a língua é diferente, a língua está mudando. Existe uma variação entre os povos Kayapós da região do Pará e Mato Grosso, a bíblia por exemplo, quando traduzida para a língua materna sofre variação entre as duas regiões e em uma delas tem influência do francês.

Uma pergunta: ‘Como eles aprenderam português?’

Eles viajavam até a região do Araguaia e aí tinha Kayapó, mas eles foram diminuindo, e nessa época eles tinham um contato com os não indígenas. Esses povos foram diminuindo e ficando só na nossa região, e em 80 eles já falavam, mas não escreviam.”

**Krahô:** “A língua Krahô sofre algumas interferências do Apinayé e do português, também tem algumas palavras parecidas com a língua Kupun. É praticamente a mesma língua, mas para eles é muito fácil o português, por isso nas escolas as crianças são ensinadas do 1º ao 5º ano somente na língua materna e exclusivamente por professores indígena, no ensino médio que entram os professores não indígenas. O primeiro professore Krahô foi José Miguel.

A escrita foi introduzida em 1970, pelo pastor **Itani**, uma pessoa humilde e simpática, que teve o respeito de ajudar nossos parentes Krahô, ele teve a ideia de criar a escrita dos povos, faleceu recentemente aos 100 anos.

Nossa escrita tem 29 fonemas, sendo treze consoantes e dezesseis vogais, dez orais e seis nasais. A escrita e a fala atualmente sofreu muitas mudanças, principalmente pelos jovens, e já falam um pouco diferente, os mais velhos falam palavras corretas e os jovens incorretas. O jovem diz ‘*Jôr~i*’ e o velho diz ‘*nôri*’, significa ‘*onde*’. Isso afeta bastante, por isso nós estamos aqui no curso intercultural, para voltar para a comunidade e não deixar que se perca essa escrita. Há 7 livros didáticos na língua nativa, de ciências, história e cartilhas para alfabetização, foram elaborados em parceria com a Universidade Federal do Tocantins. Alguns sons que são

representados pelas consoantes <B>, <D>, <F>, <G>, <L>, <S>, <V>, e <Z> no português, não existem na nossa língua.”

**Xavante:** “Um dia teve a palestra de um dos anciões da tribo e ele disse: ‘Vocês são a nova geração, daqui pra frente não sei para onde nós, a sociedade indígena e não indígenas, estamos indo. Pelo o que eu vejo, sempre observando as línguas, o não indígenas está entrando cada vez mais na nossa cultura, por exemplo, as palavras televisão, celular que não existia. Acima disso, sempre destacamos a escrita e as letras, elas não são nossas, não são das nossas origens. Será que vocês não têm condições de criar as letras?’ Na verdade essas letras não são nossa.

O povo Xavante foi descoberto na década de 1940, teve a sua língua colonizada através das missões católicas e evangélicas, diante do contato frequente foram se formado as letras e o alfabeto em meados da década de 1970 e 1980. Atualmente existem nove terras indígenas Xavante no estado de Mato Grosso, os povos indígenas não se comunicavam por escrita, somente por sinais, como gestos e movimento e por imagens artística, como os grafismos. Os salesianos iniciaram os trabalhos para ensinar a língua portuguesa e a materna, com a parceria dos professores indígenas que têm conhecimento da língua portuguesa. Juntos elaboraram os materiais na língua materna, como livros didáticos, dicionário e cartilhas para alfabetização. As informações saíram através da comunidade. Hoje já tem professores Xavantes formados no magistério, curso de licenciatura intercultural, mestrado e doutorado.

Existe a variação na fala e na escrita dos povos Xavantes decorrente das diferentes missões religiosa, pois cada uma interferiu de uma maneira própria no ensino e alfabetização do português nas comunidades Xavantes. Os pastores não buscaram as informações dos professores, eles foram direto à toda comunidade, mas registraram de acordo do entendimento deles. Os padres, ao contrário, buscaram com os professores. Nós temos nove terras Xavantes, algumas são as mesmas escritas e outras não, como somos dividido não há concordância, mas nos juntamos para debater e estudar sobre, e quem sabe no futuro para melhor nosso entendimento e fazer as correções das informações registradas pelos pastores?

Naquele tempo houve uma competição entre pastores e padres, os pastores evangélicos levaram alguns anciões para representar a sua língua, os missionário católicos também foram à comunidade e debatiam para chegar em uma unificação das letras, algumas letras se perderam como o <Y> e o <Z>. Os salesianos adaptaram a nossa pronuncia e a nossa fala para ser mais fácil e nas letras colocaram algumas que não existiam, uma variação é a pronunciação do /DZ/, que é aceita em algumas regiões e em outras não.”

**Apinayé:** “O primeiro contato que houve entre os não indígenas os apinayés foi quando os bandeirantes exploravam as margens do Rio Tocantes buscando território para fazer as inundações, onde hoje é o município de Tocantinópolis. Eles começaram por catequisar e ensinar a língua portuguesa. Derrubaram as matas por volta de onde localizava a aldeia e por essa razão os indígenas migraram para o interior do território, assim expandiram os municípios. Nessa época os fazendeiros invadiam e matavam indígenas.

Antes o SPI resguardava o povo apinayé, mas eles não tinham como ensinar na língua apinayé, então a educação era toda em português, levou muito tempo assim. Com a criação da FUNAI em 1917 e o decreto presidencial que permitiu dar aulas indígenas e na língua nativa, veio dos Estados Unidos a missionária **Patrícia Mando** e a escrita veio com ela, quando ela chegou iniciou pesquisas com os mais velhos estudou o povo com intuito de aprender a língua junto aos anciões. À partir do som das palavras ela fez primeiramente um pequeno texto sobre os Apinayés e traduzido para o português, traduziu a bíblia e criou o alfabeto de acordo com os conhecimentos que tinha e um pouco de influência do inglês. O alfabeto tem 29 letras, dezesseis vogais e treze consoantes, a gente pensa ‘Nossa língua é tão difícil, que veio uma estudante dos Estados Unidos para criar o alfabeto para nós’. Viveu na comunidade por mais de 30 anos. Hoje tem a gramática da língua Apinayé e o texto escrito pela missionária que está resguardo.

Hoje a gente escreve com as nossas próprias palavras e já está diferente da linguagem antiga, que vai mudando de acordo com os anos. Já há professores do intercultural e a gente percebe uma escrita diferente, por exemplo, com a missionária se escrevia ‘Pyka’, com <Y> e agora, após uma convenção realizada entre os professores indígenas e os anciões, se escreve ‘Pika’, com <I>. Vamos buscando definir com nossas próprias palavras, porque não queremos seguir com algo feito por outras pessoas, a língua portuguesa teve várias escritas diferentes, igual com a nossa. Tem dicionário, gramática e vários escritos feitos na língua indígena. Futuramente pode ter outras falas, porque as crianças respondem em outras palavras e existe variação linguística entre as tribos, a língua, a cultura e os objetos já sofreram muitas modificações desde os antigos.”

Fazendo uma análise percebe-se que a chegada da escrita aconteceu de muitas maneiras e épocas diferentes, algumas iniciadas em 1970 e outras em 1999, mas que na maioria das vezes ocorreu por missionários, salesianos com intuito de catequisar os indígenas e em alguns casos o SPI e FUNAI. Entre os registros mais antigos nas línguas, a bíblia aparece na maioria como primeiras elaborações e depois vem a gramática, quando a linha de pesquisa já está direcionada à própria língua indígena.



#### 4.0 Anexos:



